

ARRASTÃO MEDIÁTICO E RACISMO NO RIO DE JANEIRO EM 1992

Prof. Dr. Dalmir Francisco
UFMG

Neste trabalho, vou analisar disputa eleitoral pela prefeitura do Rio de Janeiro, em 1992, que parece ter sido mesmo uma traumática página política, com enorme desgaste pessoal para os dois candidatos no segundo turno e um profundo mal-estar revelado nas notícias, reportagens e editoriais, com fortes manifestações de racismo: uma candidata negra, um candidato branco, um arrastão (anti-social e mesmo criminoso) e uma disputa pelo direito de ir e vir e de *afirmação territorial* entre urbanos e suburbanos, entre classes média e alta e pobres, entre negros e brancos. É o significado dessa disputa eleitoral e a relação o arrastão x a disputa pelo poder político entre uma candidata negra e um candidato branco que vamos procurar analisar e compreender, sobretudo no modo como a imprensa escrita do Rio de Janeiro tratou dois conflitos conjunturalmente interligados: um conflito social e um conflito político-ideológico – ambos constituindo, alternadamente, brancos e negros, como protagonistas, antagonistas e coadjuvantes.

Nossa análise está fundamentada na *techné* jornalística – como forma de pensar e de informar a sociedade sobre si mesma, e na análise de discurso, com destaque para as contribuições de Maigueneau, Charaudeau e Eliseo Verón. O trabalho fundamenta-se, também, na compreensão do racismo enquanto o projeto em vigor de democracia racial realmente praticada na sociedade brasileira, que só permite a ascensão social dos negros dotados de especialização intelectual ou técnica, mantendo a maioria esmagadora sob terríveis condições de sobrevivência. Ou seja: a democracia racial é a política racial de controle da mobilidade horizontal e vertical de classe, pela qual, para ficar num único exemplo, trabalhadores negros e negras chegam a ganhar de 50 a 75% a menos que os trabalhadores brancos para execução do mesmo trabalho e nas mesmas funções.

A democracia racial desdobra-se em um discurso, uma narrativa que diz que o negro não

é mais escravo, ou ser que não é mais, que o negro é ser que não permanece, pois vai sendo diluído (isto é, disluere/ lavado) na brasilidade e que não será mais no futuro – onde estará diluído na metarraça ou meia-raça brasileira. Por esta narrativa, a discriminação racial do negro é naturalizada, há um esforço de tornar invisível o negro, que é tomado como ser sem história, socialmente isolado e ser que se não é, deveria ser sem vontade e sem voz (nada de vontade e vontade de nada). O racismo constitui a grande marca discursiva que preside o noticiário jornalístico sobre o negro, no Brasil.

Finalmente, o trabalho se vale do das teorias da Comunicação e do Jornalismo, que indicam que a cultura contemporânea é, em larga medida, instituída pela, na e através da comunicação, que operara e realiza midiaticamente a mediação cultural. Mediatizados, somos privados da experiência e testemunho dos fatos, do factum dos feitos, de modo que a realidade macro nos chega através de narrativas – mundo pós-moderno escrito e assinado quer pelo jornalismo, quer pela publicidade.

O eleitorado carioca indicou Benedita da Silva (PT) e César Maia (PMDB) para a disputa no segundo turno das eleições e os jornais indicavam o “declínio do brizolismo” e a mudança no perfil do eleitorado, promovido pelo Partido dos Trabalhadores. Depois de *conjurada e festejada* a derrota de Cidinha Campos e a continuidade da hegemonia do Governo Estadual de Leonel Brizola e do seu partido – o PDT, os jornais cariocas se voltam para a cobertura da disputa entre os candidatos.

Praias: maior e mais bem cuidado quintal da Cidade

O Rio de Janeiro era, em outubro de 1992, uma cidade tranqüila que se preparava para escolher o prefeito da Cidade no dia 15 de novembro daquele ano. Em 18 de outubro de 1992, o *Jornal do Brasil* publicava chamada de primeira página para reportagem do *Caderno de Domingo* – indicando que o carioca estava de “*bem com o Rio*”, matéria sobre a satisfação do

carioca com a cidade e seus “*lugares preferidos*”.

Na página 26, do *Caderno de Domingo*, um título ufanista indicava “*a cidade dá Ibope*” e o editorial elogiava o bom humor do carioca e seu mau humor quando chove no Domingo e ele é obrigado a ficar em casa, trancado, sem poder ir ao lugar que mais gosta segundo as pesquisas: a orla marítima – “*o maior e agora mais bem cuidado quintal da cidade*”.¹

Dia de sol, festa de luz e o arrastão...

No dia 18, à tarde, nas areias das praias do Leblon, Ipanema, Arpoador e Copacabana, ocorreu um conflito que, ao que tudo indica, parece ter sido uma *simbiose* de diversos confrontos, relacionados mas não interdependentes e que, em conjunto, se agravaram e se confundiram. Era o *arrastão* que, no dia 21 de outubro, *O Dia* anunciava como briga de galeras. Jovens da Zona Norte que levaram prejuízo (roubos) no “*arrastão*” e entravam na onda para recuperar o prejuízo (roubavam também ...).²

E, com certeza, foram também, corre-corre, pânico, histeria que conferiram ao *arrastão* uma dimensão bem mais grave - como amplamente mostrado no mesmo dia 18, domingo à noite, pelas redes de televisão, especialmente pela Rede Globo (segundo alguns depoimentos, os repórteres e cinegrafistas estavam nas praias procurando fazer uma matéria *qualquer* sobre o domingo de sol).

¹ Mas, ao lado da celebração da felicidade do carioca com sua cidade, o *Jornal do Brasil* apontava, também, que a “*população de rua*” seria um “*eterno desafio*”. A reportagem elogia a Guarda Municipal por proteger bens públicos e, ao mesmo tempo, agir contra menores infratores e contra desocupados. No mesmo Domingo de 18 de outubro, o jornal *O Globo* produziu divertida reportagem enfocando a diferença de gostos e de projetos culturais dos candidatos Benedita da Silva e César Maia. Para a Candidata do PT, cultura seria a expressão do povo e, como tal, deve ser tratada, enquanto para o candidato do PMDB, cultura seria produção artística industrial e ligada ao turismo. Era tudo calmo. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 18 out 1992 (a. CII, n. 193), *Caderno de Domingo*, p. 26. *O Globo*. Rio de Janeiro 18 out 1992 (a. LXVIII, n. 21.515), Primeiro Caderno, p. 11.

² O repórter busca ouvir os jovens da Zona Norte que se sentem discriminados nas praias da Zona Sul: “*A nossa revolta é contra os playboys da Zona Sul que quando vêm a gente vão escondendo a bolsa*”. O presidente da Associação de Bairros, ligado ao Projeto Rio, envolvendo as comunidade da Baixa do Sapateiro, de Nova Holanda, de Timbaú, da Maré, do Parque Rubem Vaz, da Vila Pinheiro e do Parque União - Antônio Felipe, protesta, reconhecendo que a “*garotada gosta da bagunça de ir a praia de bacana*”, mas reclama que o pobre “*tem direito de ir onde quiser*”. O jornal revela, também, que *Vigário Geral* ri da idéia da piscina e publica declaração de Naldo Ferreira - presidente da Associação dos Moradores de Vigário Geral – para quem há “*10 anos falta água em Vigário Geral. Com esse calor, só pode ir à praia*” *O Dia*. Rio de Janeiro, 21 out. 1992 (n. 14.738), Primeiro Caderno, p. 1 e 23.

Na Segunda-feira, dia 19 de outubro, o conflito foi mediatizado como *terror* e *pânico*, *vandalismo* e *crime*. A qualificação ou o pronunciamento sobre o acontecimento parece ter superado, em muito, o compromisso com a objetivação e máxima veracidade acerca do “arrastão”.

O Globo e o *Jornal do Brasil* tentaram evitar a confusão e afirmaram que os múltiplos acontecimentos formaram o “arrastão”, episódio descrito de modo impreciso como ene roubos e ene agressões e no *terror* que assolara as praias da Zona Sul, em consequência de *arruaças* promovidas por *arruaceiros* da Zona Norte, assustando os banhistas e os moradores da Zona Sul. Vejamos a narrativa de *O Globo*:

*“Assaltos, agressões e atos de vandalismo levaram o terror ontem às praias da Zona Sul do Rio, onde grupos de “arrastão” começaram a agir desde cedo. Iniciado por volta das 10 horas, entre o Arpoador e o Leblon, o corre-corre de pívetes e ladrões adultos se estendeu à tarde à Praia de Copacabana e às ruas próximas da Orla, onde ônibus foram apedrejados; carros danificados; e pedestres assaltados. Trinta e cinco integrantes de “arrastões” foram detidos, mas a maioria foi liberada porque não apareceu ninguém para apresentar queixa.”*³

O jornal *O Dia* fez o mesmo confuso relato sobre as ocorrências do dia 18 de outubro de 1992, contando que a *“fúria das gangues armadas de paus”* teria transformado as praias do Leblon, Ipanema, Arpoador e Copacabana em uma *“praça de guerra”* tomavam *“a avenida Nossa Senhora de Copacabana”* para onde convergia *“uma verdadeira turba irritada com número insuficiente de ônibus”*.

O Dia que registra que, *“às 11 horas começou um tumulto na praia de Copacabana”* confronto ocorrido *“entre mais de 40 jovens de duas gangues de arrastão”*. Não há nenhuma informação sobre o que seriam gangues de arrastão, mas a narrativa prossegue: *“Mais tarde”* (às 12 horas e 30 minutos) *“ um grande arrastão com mais de 100 pívetes atacou na praia de*

3 -Cf.: *O Globo*. Rio de Janeiro, 19 out 1992. Primeiro Caderno (a. LXVIII, n. 21.517), p. 01. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 19 out 1992. Primeiro Caderno(a. CII, n. 194) p. 01, 13 e 14.

Ipanema, na área do Arpoador fazendo com que muitos banhistas debandassem em direção ao Leblon com toalhas e pertences” (era o Leblon um lugar seguro?). A narrativa (pronunciamento) prossegue, impressionista, contando que, na altura do Posto 9 e da Praça General Osório “*outras gangues agiam sem nenhuma repressão*” e que o quadro teria piorado “*depois das 15 horas quando aumentou aos milhares o número de pessoas que vinham da praia para tentar pegar ônibus de volta para o subúrbio*”. A partir daí, a narrativa se transforma em nonsense – pois os acontecimentos aparecem como “*um Deus nos acuda*” pois que a “*massa compacta de banhistas corria de um lado para o outro, assustando os frequentadores da praia...* Afinal, quem é quem? Quem corria de um lado para o outro? Quem compunha a massa compacta e quem eram os frequentadores da praia?

A narrativa dos jornais reflete, ao que tudo indica, a própria confusão do acontecido e da indecidibilidade do repórter-narrador: por certo ocorreram assaltos, houve agressões, existiu a prática de vandalismo, mas, também, houve corre-corre não só de *pivetes* e de *ladrões adultos*, mas de jovens e adultos, brancos e negros, da Zona Norte e da Zona Sul – todos envolvidos no *quiproquó*. .

Os jornais ***Jornal do Commercio*** e ***O Globo***, nas manchetes e nos noticiários, destacam que os candidatos a prefeito do Rio de Janeiro, César Maia (PMDB) e Benedita da Silva (PT) teriam soluções diferentes para os problemas da violência dos “*arrastões*” nas praias da Zona Sul. César Maia pede repressão dura, exige providências do Governador do Rio e seu adversário político Leonel Brizola e ameaça convocar o Exército, admitindo o “*uso de tropas federais contra os “arrastões*”.

Ao contrário, Benedita da Silva não concorda com nenhum tipo de violência, condena a discriminação e acha que a violência seria decorrência da falta de *justiça social*, discordava de qualquer tipo de violência, protestava contra a *insinuação de ligações do PT com o crime*

*organizado no morro ou no asfalto.*⁴

No mesmo dia 20 de outubro e na mesma edição, ***O Globo*** condena, em editorial, as “*Hordas na praia*” e defende o direito de todos de irem à praia. Mas denuncia, também, o caráter organizado dos “*arrastões*”, argumentando que somente os “*grupos com estrutura de comando e planos bem traçados seriam capazes de concentração, infiltração, ação simultânea e dispersão...*”. A interpretação é absurda, considerando a própria cobertura dos jornais

Ainda no dia 20 de outubro, o ***Jornal do Brasil***, no editorial *Preto no branco*, pedia “*cabeça fria ao carioca*”, para evitar que os debates das providências “*contra o arrastão, no qual os protagonistas são mais negros e mestiços do que brancos*” sejam levados para o terreno “*falso do conflito racial*”.

O editorial mantém o tom democrático, politicamente correto, condenando o *apartheid* e afirmando que as *praias sempre pertenceram a todos*. Mas, entretanto, sugeria de forma indireta o *apartheid*, ao solicitar o *policimento* e o *controle* das linhas de ônibus que levam os crianças, jovens e adultos da Zona Norte para as praias da Zona Sul.⁵

O jornal ***O Dia***, publicava que o Prefeito Marcelo Alencar, então do mesmo partido do Governador, propunha a criação da “*guarda municipal*” para evitar os “*arrastões*” e, por outro lado, ainda segundo ***O Dia***, os “*Empresários*” defendiam “*menos ônibus*”, de sorte a diminuir o número de banhista suburbanos (negros e pobres) nas praias da Zona Sul carioca..⁶

A mediatização do arrastão contra pobres e pretos ou ...

4 *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 20 out 1992. Primeiro Caderno (a. 166, N. 15) p. 2. *O Globo*. Rio de Janeiro, 20 out 1992. Primeiro Caderno (a. LXVIII, N. 21.517) p. 1

5 *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 20 out 1992. Primeiro Caderno (a. CII, N. 195) p. 6.

6 O DIA. Rio de Janeiro, 20, out 1999. Primeiro Caderno (n. 14.737) p. 8. Em reportagem que reafirma a linha editorial e de marketing desse jornal que é popular, mas distancia dos popularescos jornais de *lombo e presunto* Segundo Dória e Dória, o jornal O Dia está, como *O Globo*, voltado para as classes médias e que diferem de jornais populares como A Notícia, que buscam leitores esporádicos de jornais, que se dedicam para a reportagem policial sobre cadáveres e à badalação de mulheres nuas, ou jornais de presunto e lombo. Cf.: DÓRIA, Francisco .A. A. M e DÓRIA, Pedro. Comunicação – dos fundamentos à internet. Rio de Janeiro: Ed. Revan,1999, p.39-42

...em quem os cariocas deveriam votar para prefeito da Cidade: a candidata Benedita da Silva ou o candidato César Maia? A mediatização do “*arrastão*” constituiu ato de contar história intencionalmente *plugada* à disputa eleitoral pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Essa *orquestração* (todos os jornais tratam da mesma forma um mesmo assunto) ⁷ leva os jornais a simularem o contraditório, isto é, a darem, aparentemente, voz a todos os envolvidos.

Pelo que vimos, até agora, o *arrastão* parece ter sido uma sequência de acontecimentos emaranhados: foi uma *briga* entre *funkeiros* de *comunidades* rivais, que *assustou* os banhistas e, especialmente, *assustou* a classe média, gerando um *corre-corre* que, por sua vez, facilitou a *rapinagem* de jovens e adultos que vão às praias com o objetivo de rapinar e deu origem a *choques* entre jovens. O *corre-corre* provocou novo tumulto – o da *busca desesperada* de ônibus para retornar para casa, o que facilitou, de novo, a *rapinagem* (assaltos), criou clima para *agressões*, a histeria e possibilitou *depredações*.

Essas ocorrências foram, posteriormente e mediaticamente, *inflados*, transformando-se, mediaticamente, em *arrastão* como se fosse única e exclusivamente ação concentrada de ladrões adultos e jovens que se infiltraram entre banhistas, roubando e assaltando simultaneamente e dispersando-se organizadamente. Essa interpretação transformava todos os suburbanos (é preciso frisar, mais uma vez, pobres e negros em sua maioria) em potenciais integrantes de “*arrastões*”, quase cripto-meliantes ou pessoas de índole irresistivelmente inclinadas ao crime.

Para o *Jornal do Comércio*, parte da imprensa e da Polícia Militar era formada de “*rematadores ingênuos*” por afirmarem que os “*arrastões*” seriam apenas anti-sociais. Mas, apesar disso, contraditoriamente, o jornal elogiava a candidata Benedita da Silva, exatamente por

⁷ A orquestração para transformar o “*arrastão*” em principal fato da disputa político-eleitoral pela prefeitura do Rio de Janeiro levou o chagista Aroeira a criar a seguinte charge: na praia, o branco César Maia, risonho, vestido de policial-militar, aborda a banhista negra, Benedita da Silva que, de maiô, com radinho de pilha, toalha e expressão de ingenuidade, curte a praia. César, a autoridade branca, interpela: a banhista negra e exige: *Documentos!*

apontar que os “*arrastões*” seriam problemas sociais. Esse elogio, entretanto, serve para legitimar a escolha de quem estaria com mais razão, pois o ***Jornal do Comércio*** concordava e se pronunciava a favor do outro candidato, César Maia, que teria – segundo o jornal – a receita certa para a *baderna gerada pelo tráfico de drogas, desregramentos de costumes e a falta de educação*.⁸

Segurança, facismo e racismo

Somente essa disputa – feroz nos tempos de crise econômica – pode justificar o modo acrítico e, em larga medida, irresponsável, da publicação da intenção dos jovens da Zona Norte e da Zona Sul, de formarem bando para promoverem ou combaterem “*“arrastões”*”. O ***Globo***, em 21 de outubro, informa que, para enfrentar os “*“arrastões” de fim de semana nas praias*, moradores da Zona Sul, freqüentadores de academias de artes marciais, “*resolveram organizar grupos antiarrastão, formados por lutadores*” para combater os “*“arrastões”*”.

Ainda segundo o jornal ***O Globo***, moradores da Zona Norte também afirmaram que “*à violência pode aumentar se não forem liberados os bailes funk*,” nos quais “*as ganges dão vazão as suas rivalidades*”. O ***Globo*** informa, ainda, que a “*prefeitura deve acabar com pontos de ônibus na Zona Sul, tornando as linhas circulares*”, como modo de diminuir a freqüência de suburbanos às praias da Zona Sul.⁹

No dia seguinte (22 de outubro), ***O Globo*** anunciava que os lutadores de artes marciais da Zona Sul, que prometiam formar uma milícia antiarrastão nas praias do Leme ao Leblon, seriam orientados a evitar excessos, pois poderiam ser “*responsabilizados e chamados a depor*”:

“*É óbvio que não há como impedi-los de ir à praia, por isso optamos por uma medida*

8 *Jornal do Commercio* Rio de Janeiro 21 out. 1992 (a. 166, n. 16), Primeiro Caderno, p. 4. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 22 out. 1992, (a. 166, n. 17) Primeiro Caderno, p. 2

9 “Lutadores da Zona Sul formam milícia contra arrastões”. *O Globo*. Rio de Janeiro, 21 out. de 1992 (a. LXVIII, n. 21.518) Primeiro Caderno, p. 01, 15 e 16.

preventiva. Vamos orientá-los para que não usem violência excessiva e, caso presenciem alguma ação ilegal que se limitem a neutralizar o infrator, entregando-o, imediatamente, à autoridade mais próxima”

Depois de admitir que jovens expertos em lutas marciais poderiam policiar as praias, devidamente orientados para não cometer violência excessiva, **O Globo** procura ouvir o então prefeito do Rio de Janeiro, Marcello Alencar, que denuncia o “início do facismo” que deveria ser “*tão combatido como o ‘arrastão’*” e que, como Prefeito, seu trabalho era “*no sentido de combater a violência e não de estimulá-la.*”

O Globo, no dia seguinte, recua e corrobora a posição de Marcello Alencar, em um mini editorial que condena os “*arrastões*” e, também, os “*contra-arrastões*”, mas não deixava de contrariar a adesão ética à Lei e à Ordem, ao dar publicidade à preparação das milícias e ao informar – acriticamente - que adestradores iriam “*levar cães para o calçadão*”.¹⁰ A macro-marca discursiva do racismo transparece das micro-marcas da seqüência das frases e das palavras: respeito à Lei e à Ordem, mas com aceitação passiva e acrítica da presença de civis adestradores de cães ferozes no calçadão das praias da Zona Sul.

O Jornal do Brasil, de 22 de outubro, anuncia que as praias sofrerão, literalmente, um cerco, isolamento policial que foi realizado nas praias da Urca, Leme, Copacabana, Arpoador, Ipanema, Leblon, Flamengo e Barra da Tijuca, através da “*mobilização de 1274 PMs*”. Os jornais cariocas sequer desconfiavam da eliminação violenta de direitos civis básicos. Na mesma edição, o **Jornal do Brasil** anunciava a desativação de pontos de ônibus que levam banhistas da Zona Norte para Zona Sul.¹¹

No dia seguinte, 23 de outubro, **O Globo** anunciava que a Polícia Militar decide montar

10 *O Globo*. Rio de Janeiro, 22 out. 1992 (a. LXVIII, n. 21.519), Primeiro Caderno, p. 16.

11 *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro,),a CII, n. 197) Primeiro Caderno, p. 14

barreiras antiarrastão e, para evitar que os cidadãos da Zona Norte levassem para a Zona Sul grupos de arrastão, “O Globo anunciava que *a PM e a Secretaria Municipal de Transporte* iriam montar *bloqueios na Leopoldina e na Central* e, nessas barreiras, “*os PMs retirariam dos ônibus quem estivesse pendurado na porta*. Além disso, a Polícia Militar iria montar, também, “*bloqueios nos pontos finais de ônibus de Olaria, Penha, Jacareí e São Cristóvão*”¹²

O *Jornal do Commercio*¹³ anunciava medidas repressivas oficiais ao direito de ir-e-vir de crianças, jovens e adultos *suburbanos*, em sua quase maioria pobre e pretos ou não-brancos, feito que é corroborado pelo jornal *O Globo* que noticia que a “*Prefeitura não quer descamisado na Zona Sul*”¹⁴, com o qual fazia coro o jornal *O Dia* que anunciava que a “*superintendência Municipal de Transportes Urbanos (SMTU) montará barreiras no Rebouças e no Santa Barbará, nos fins de semana, com objetivo de evitar a superlotação dos ônibus que vão para as praias da Zona Sul*”.¹⁵ As medidas, aparentemente, eram um modo de separar os que apenas buscam lazer em praias agradáveis, no fim de semana, daqueles que vão às praias com outras intenções.¹⁶ Entretanto, ao que tudo indica, os objetivos das medidas eram outros. Segundo o jornal *O Globo*, os cidadãos da Zona Norte que quisessem “*ir à praia de ônibus*” (SIC) no Sábado dia 24 ou no Domingo, dia 25 de outubro, só poderiam fazê-lo se estivessem com camisa, dinheiro e documentos: “*Quem estiver sem documentos, camisas ou dinheiro para as passagens de ida e volta não poderá mais embarcar nos ônibus da Zona Norte e do Centro para a Zona Sul, nos fins de semana e feriados de sol (sic).*” A decisão, dizia o jornal, teria sido tomada pela Prefeitura que fizera um plano *antiarrastão* em conjunto com a polícia e as empresas de ônibus.¹⁷

12 *O Globo*. Rio de Janeiro, 23 out 1992 (a. LXVIII, n. 21.520) p. 01

13 *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 21 out 1992 (a. 166, n. 16) Primeiro Caderno, p.19

14 *O Globo*. Rio de Janeiro, 22 out 1992 (A. LXVIII, n. 21.519), Primeiro Caderno, p. 1,14 e15

15 *O Dia*. Rio de Janeiro, 23 out 1992 (n. 14.740) Primeiro Caderno, p.1.

16 Cf. reportagem de *O Dia*. Rio de Janeiro, 23 out 1992 (n.14.740) Primeiro Caderno, n. 8 – com a manchete “Barreiras impedirão superlotação de ônibus para evitar arrastões – mudanças nos trajetos para evitar concentração”.

17 *O Globo*. Rio de Janeiro, 22 out 1992 (A. LXVIII, n. 21.519), Primeiro Caderno, p. 1,

Vejamos esse conjunto de medidas, noticiado, acriticamente, pelos jornais:

1) A Prefeitura e o Prefeito queriam inibir o “*movimento descontrolado de banhistas de bairros mais afastados para as praias da Zona Sul*“. 2) Para isso, determinou a vigilância de ônibus e a montagem de barreiras nos túneis, nas estações de trem e nos pontos de ônibus. 3) Determinou que os ônibus circulassem com a lotação legalmente autorizada para passageiros assentados e em pé (é sabido que, em qualquer centro urbano, os ônibus só circulam superlotados, quando o serviço de transporte coletivo ofertado é menor que a demanda). 4) A Prefeitura instituiu o passe para pobres pretos, mestiços e brancos – ao exigir que os cidadãos da Zona Norte só poderiam passar para a Zona Sul, se tivessem camisa para vestir, dinheiro para pagar o ônibus e documentos para se apresentar. 5) A Prefeitura e as empresas de ônibus aumentaram o valor das passagens para o sábado e para o domingo.¹⁸ 6) Criou um território que deveria ser protegido e ter toda segurança (a Zona Sul) que foi isolada. 7) Criou um território que seria fonte de insegurança para a Zona Sul, a Zona Norte que foi sitiada.

A discriminação social e racial é constatável no conjunto de medidas e, nos jornais, aparecem sem nenhuma crítica, sem nenhum reparo. Para se livrar dos arrastões, as autoridades, as Polícias Militar e Civil, os segmentos influentes das classe alta e média da cidade do Rio de Janeiro, através da mídia, e da própria mídia impressa instituíram um apartheid, ainda que possa ser caracterizado como decisão *ad hoc*, seja, os cidadãos da Zona Norte foram proibidos de ir-e-vir livremente, a não ser que tivessem um passe, na forma de vestimenta, algum recursos financeiro e documentos.¹⁹

18 Passagem do 484 aumenta de CR\$3100 para CR\$8mil. *O Globo*. Rio de Janeiro, 26 out 1992 (a. LXVIII, n. 21523), Primeiro Caderno, p. 10

19 Pesquisa *InfoGlobo* indica que mais de 85 por cento dos cariocas, diante dos “arrastões”, não iriam à praia armado, que 72,5% jamais foram vítimas de arrastão, que arrastão é problema social para 42,3% ou impunidade de menores para 33,8%. A pesquisa que permitiu a cada entrevistado mais de uma resposta, revelou algo importante: a maioria jamais foi vítima de arrastão e a maioria, também, não se armaria para enfrentar a rapinagem. Isto prova que a maioria não participava da histeria anti-Zona Norte que verificamos, até aqui, nos jornais. Cf.: *O Globo*. Rio de Janeiro, 24 out 1992 (a.LXVIII, n.21.522), Primeiro Caderno, p. 30.

Trata-se de apartheid sim, posto que implica em discriminação de um grupo não-branco e localizado geográfica e territorialmente e, também, pela explícita intenção de limitar o direito de ir-e-vir , impedindo-se ou dificultando mediante procedimentos de repressão humilhantes, que indivíduos fossem de um espaço geográfico e territorial (Zona Norte) para outro espaço territorial e geográfico (praias da Zona Sul).

O agendamento da cobertura sobre a ocorrência beneficia César Maia e logra instituir a metáfora: arrastão *implica* suburbanos, que implica Zona Norte, que implica Benedita da Silva, que implica risco de má administração, que *implica* insegurança, que *implica* impossibilidade do carioca curtir o que mais gosta (a praia).

No dia 24, Sábado, as praias da Zona Sul ficaram vazias, fortemente policiadas e sem risco de arrastão. A repressão, para garantir o apartheid *ad hoc* foi violento e eficiente e o apartheid *ad hoc* foi eficiente: *jovens* de aparência *humilde*, andando *a pé*, de *ônibus*, sem *camisa* e sem *dinheiro* que quisessem entrar *nos* territórios do Leme, de Copacabana, do Arpoador, de Ipanema e do Leblon eram barrados. Essa ação que isolou a Zona Sul e sitiou os pobres, especialmente os negros e os mestiços, conforme anotou o ***Jornal do Comércio*** ao informar que os moradores das favelas do Cantagalo, do Pavão, do Pavãozinho e do Chapéu Mangueira, “*que ficam entre Ipanema e Copacabana, também resolveram não descer.*”²⁰

No dia seguinte, 26 de outubro, o tom das manchetes e das notícias dos jornais oscilava entre uma espécie de *porque me ufano de minhas praias* ao constrangimento de não ter como ocultar a discriminação e o apartheid *ad hoc*. O jornal ***O Dia***, que no domingo denunciava que “*pobre sofre arrastão todo dia*”, anunciou que a “Zona Sul sitiada” vencera o “arrastão”: “*Num domingo ensolarado em que os ônibus da Zona Norte chegavam vazios às praias, o esquema de*

20 *Jornal do Comercio*, op. cit. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 25 out. 1992 (a. CII, n. 200) Primeiro caderno, p. 1. *O Dia*. Rio de Janeiro 25 out. 1992 (n.14742), Primeiro Caderno, p. 1.

policciamento foi um sucesso”. Porém, a ocupação policial-militar não teve aprovação unânime, sendo . “ *aplaudida por uns e criticada pelos passageiros dos ônibus: a maioria dos revistados era de negros*”.²¹

Se o jornal *O Dia* denunciou, timidamente, que a maioria dos revistados era de negros, o mesmo não ocorrerá com *O Globo* que, na manchete, celebrava: “Domingo seguro revive magia de Ipanema”. “*Como nos velhos tempos. Um dia de luz, a festa de sol e até os barquinhos a deslizar, no macio azul do mar. O glorioso Domingo em Ipanema lembrou o tempo que visitá-la dava até música*”.

O Globo indicou, também, que a violência contra os “suburbanos” da Zona Norte espantou os “motoristas e cobradores”, abismados com “o tamanho do aparato policial” e, diante da forma humilhante das revistas em passageiros, eles – motoristas e cobradores, “faziam questão de dizer que não tinham nada com aquilo”, manifestando justificado temor de “represálias dos passageiros habituais...”²²

Mais comedido, mas não menos entusiasmado, o *Jornal do Brasil* anotou que o arrastão foi tema das conversas dos banhistas e que até houve correria diante de “simples brigas de jovens”, mas, “há muito as praias do Rio não tinham um Domingo tão tranquilo”.²³ A discriminação social, racial, o apartheid *ad hoc* foi tão explícito que *O Globo*, como antes fizera o *Jornal do Brasil*, tentou controlar a discussão, ao montar um debate sobre as “Acusações, protestos e queixas no Rio pós-arrastão”.

Repórteres, redatores e chargistas mais críticos – na descrição / narração e interpretação do arrastão foram demonstrando quatro coisas: primeiro. – o arrastão enquanto roubo, furto e toda a sorte de rapinagem foi bem menor do que o alardeado pelos jornais diários do Rio de Janeiro.

21 *O Dia*. Rio de Janeiro, 26 out de 1992 (n. 14.743) Primeiro Caderno, p. 01.

22 *O Globo*. Rio de Janeiro, 26 out de 1992 (a. LXVII, n. 21.523), Primeiro Caderno, p10.

23 *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 26 out 1992 (a.CII, n.201) Primeiro Caderno, p. 1 e 15.

Segundo – o *arrastão* foi convertido em arma político-eleitoral pró César Maia e contra Benedita da Silva. Terceiro – a cobertura agenda dos acontecimentos de 18 de outubro criou o seguinte dilema: quem, da Zona Norte ou da Zona Sul, fosse a favor da lei e da ordem deveriam ser contra o *arrastão* e, por conseguinte, contra tudo que representasse impunidade dos participantes dos *arrastões*. E, finalmente, em quarto e mais importante, quem não defendeu ações enérgicas contra o *arrastão* não poderia, nem deveria governar a Prefeitura do Rio de Janeiro. Desta maneira, a candidata do Partido dos Trabalhadores - Benedita da Silva – ao condenar o uso de tropas federais no Rio de Janeiro e dizer não à intervenção política, ao considerar que os “*arrastões*” pareciam demasiado organizados e, mesmo, ao repudiar a discriminação da população da periferia – era colocada na defensiva, de quem, afinal, não tinha propostas para aumentar a segurança do cidadão da Zona Sul isolada, nem da Zona Norte sitiada.

Entretanto, esse jogo extremado demais, que incriminava de modo impiedoso todos os cidadãos da Zona Norte e que transformava todos os cidadãos da Zona Sul em cúmplice do apartheid (ou seja, em racista e fascista) começou a ser revertido em favor da candidata do Partido dos Trabalhadores do Rio de Janeiro, Benedita da Silva.

A candidata do PT começava a *aparecer* como vítima, como a candidata que era discriminada por ser, pela ordem, favelada, negra e representante do povo pobre e não-branco, discriminado com revistas humilhantes nos dias 24 e 25 de outubro.²⁴ Mas, aí, entra outra história, na qual a atual Governadora do Rio de Janeiro será acusada – e sem a menor chance de defesa – de mentir para tentar encobrir nepotismo e fraude para beneficiar parentes²⁵ e

24 Cf.: “Violência nas ruas opõe Maia e Benedita” In: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro 20 out. 1992 (a. 166, n. 15), Primeiro Caderno, p. 2. *O Dia*. – Rio de Janeiro, 21 out. 1992 (n. 14.738) Primeiro Caderno, p. 1. Charge assinada por Jaguar: um revolver, formado por crianças negras, ameaça a Zona Sul. *O Dia*. Rio de Janeiro, 21 out. 1992 (n. 14.738), Primeiro Caderno, p. 8.

25 “Benedita usou diploma falso para por filho na Câmara” *O Globo*. Rio de Janeiro, 24 out. 1992 (a. LXVIII n. 21.520) Primeiro Caderno, p. 10 *O Globo* disse: “Documentos enviado ao Globo mostra que a candidata do PT à Prefeitura, Benedita da Silva, contratou para a Câmara seus três filhos, quando exercia o mandato de vereadora, entre 83 e 87. Um deles foi efetivado como funcionário com um diploma de escolaridade falso”. Ao lado desse lead, uma manchete informava, ainda, que a polícia lutava contra os *arrastões* (“Esquema antiarrastão mobilizará 950 policiais”) e que César Maia, intensificava “campanha na Zona Oeste” e que voltava a defender a segurança e “pedir tropas Federais “) em contraste com duas reportagens que enunciavam: “Benedita contratou filho com diploma falso”, “Candidata nega mas seu filho confirma.

duramente criticada até a derrota para César Maia.²⁶

A discriminação social e racial da Zona Norte, a aceitação acrítica do isolamento da Zona Sul, a criminalização (correta) da formação de gangues de jovens oriundos da Zona Norte em contraste com a aceitação acrítica da formação de bandos de jovens praticantes de artes marciais, da Zona Sul, inclusive com o anúncio de que seriam orientados pela polícia, para bater nos subúrbios, mostraram algo importante: a mídia tratou a disputa entre uma negra e um branco pelo poder político, segundo o um modo de ver racista e classista (arquivo), presente e expresso no sentido das notícias, reportagens e editoriais sobre o arrastão, mediaticamente plugado às eleições municipais e colado ao destino da candidatura de uma mulher, negra e favelada, à Prefeitura Municipal da Cidade Maravilhosa.²⁷

26 Investigativo e implacável, o jornal *O Globo* descobriu que o filho da candidata do Partido dos Trabalhadores usara diploma falso e havia informado Benedita da Silva sobre esse expediente. Em editorial, o jornal cobrava explicações de Benedita da Silva sobre nepotismo, diploma falso e declaração de que não sabia de nada e como então se candidatava para chefiar um universo maior, a “*administração municipal - uma tentação para filhos, parentes, aliados e apaniguados em geral*” “*Filho contou a Benedita que utiliza diploma falso*” *O Globo*. Rio de Janeiro, 26 out. 1992 (a. LXVIII, n. 21.522) Primeiro Caderno, p. 1.

27 César Maia ganhou e comemorou a vitória (apertada) com um desabafo que mostrou, bem, a disputa eleitoral marcada pelo machismo, pela diferenciação de classe e pelas diferenças político-ideológicas e pelas diferenças raciais. César, coroando-se o vitorioso vencedor, que pode desprezar os “*eleitores de sua adversária, Benedita da Silva*”, composta de “*cariocas desesperados, o lumpen, o desempregado crônico, o jovem que está na fronteira entre o trabalho e o crime*”. O vitorioso economista, podia, enfim, contrapor-se àquela que declarava-se mulher, negra e favelada, ao desabafar que não se “*envergonhava de ser branca, homem e morador de uma cobertura*”. O desabafo do vencedor César Maia, aceito acriticamente pelo jornal *O Globo*, parece resumir e representar um certo *ressentimento* classista e racista de segmentos de classe média e alta contra a insurgência política da raça negra, representada por uma mulher, negra e favelada que, discursivamente, enunciava-se *anti-élite*. *O Globo*. Rio de Janeiro, 17 nov. 1992 (a. LXVIII, n. 21-545) Primeiro Caderno p. 1.